

vovó

ME DISSE QUE ISSO TAMBÉM

CURA!

EVELANNE SILVA
autora

IGUM DJORGE
ilustrador



Este livro é um Produto Educacional vinculado à tese de Doutorado “VOVÓ ME DISSE QUE ISSO TAMBÉM CURA!”: Práticas populares de cura entre mulheres em Oiapoque – Amapá. Contribuição para uma educação escolar insurgente.

A Tese foi defendida no Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em agosto de 2024, na modalidade Doutorado Profissional. O produto está disponível no repositório da UEMA, não tendo fins comerciais para seu compartilhamento. Destinado especialmente aos alunos da Etapa do Ensino Médio; o objetivo do livro é a inserção da temática práticas de cura populares no currículo de História e demais disciplinas da Educação Básica, conforme a autonomia e planejamento nas escolas. A obra é, sobretudo, um convite para a imaginação!

Boa viagem!



EVELANNE SILVA
AUTORA

IGUM DJORGE
ILUSTRADOR

VOVÓ
ME DISSE QUE ISSO TAMBÉM
CURA!



Ficha técnica:

Evelanne Samara Alves da Silva: Autoria
Igum Djorge Raphael de Jesus dos Santos: Ilustração
Karollinne Levy Pontes de Aguiar: Diagramação
Mariana Janaína dos Santos Alves: Revisão Literária

Silva, Evelanne Samara Alves da

Vovó me disse que isso também cura! [recurso eletrônico] / Evelanne Samara Alves da Silva, Karollinne Levy Pontes de Aguiar, Igum Djorge Raphael de Jesus dos Santos, Mariana Janaina dos Santos Alves. – São Luís: [s.n.], 2024.

43 p. il. :color.

O material complementar em formato digital constitui-se em produto educacional do Doutorado em História, da Universidade Estadual do Maranhão.

1.Educação Decolonial. 2.Ensino de História. 3.Memória. 4.Oiapoque. 5.Práticas de cura. I.Aguiar, Karollinne Levy Pontes de. II.Santos, Igum Djorge Raphael de Jesus dos. III. Alves, Mariana Janaina dos Santos. IV.Título.

CDU: 615.89

Elaborado por Cássia Diniz - CRB 13/910

PARA MINHA VÓ COM AMOR.

Na cidade de Oiapoque, tem pessoas que vieram de muitos lugares, herança de outros povos e que vivem em uma única cidade. Assim é também na escola, muitos mundos de pessoas diferentes em uma única sala de aula.

Cada aluno, tem uma história de vida que se cruza com outras, de espaços, deslocamentos e culturas diferentes. Muitos interesses, curiosidades e afinidades estão na escola. Nela a gente aprende com o professor, mas também aprende com os colegas, e lá também podemos aprender coisas incríveis da cidade onde moramos e sobre como as pessoas vivem, seus costumes e o que acreditam.

Aqui vamos contar um pouco de tudo isso, de uma oiapoquense chamada Eva, de seus colegas de turma e de pessoas que exercem práticas de cura que também ajudam a construir a cidade.

Os amigos de Eva gostavam de conversar sobre como é Oiapoque, o município do extremo norte do Amapá e do Brasil, que abriga tantos outros lugares do mundo, um lugar que guarda muitas identidades e saberes, inclusive saberes sobre como ajudar a curar pessoas.

Todos os dias, bem cedinho, no percurso para escola, Eva via a ponte Binacional, o Rio Oiapoque, com seu espelho d'água de tom azulado e a névoa que ficava na copa verde escuro das árvores. A paisagem parecia um filme ao se olhar para o rio tão falado na História do Brasil.



Na orla da cidade se escutava o barulho vindo de toda aquela gente reunida para descer e subir das catraias, o barulho dos motores das embarcações. Muito movimento e muita gente. O caminho da escola já era bem agitado e a menina imaginava que ali era um lugar de muitas viagens.

Eva gostava de ir para a escola para viajar também de um jeito diferente. Imaginava, nas aulas de História, passear em aldeias que nunca conheceu, mesmo que em Oiapoque tivesse muitas delas, nas quais alguns colegas já moraram e consideravam como lar até hoje, mesmo estando na cidade. Ela achava fascinante imaginar que onde morava era um caldeirão cultural, como um dia lhe disse uma professora, no qual muitas pessoas de lugares e culturas diferentes circulavam.

Era só andar pelas ruas do centro de Oiapoque, Eva via a escrita em francês nas fachadas de várias lojas, às vezes ouvia músicas em outro idioma, gostava do som do zouk love, de reparar os indígenas conversando e ver seus grafismos nos muros, além de olhar quem chegava nas rampas da orla nas catraias abarrotadas de gente, mercadorias e sonhos.

Eva gostava de ir também ao Mercado Municipal com sua avó, comprar alguns produtos que eram utilizados para o que Dona Josefa (carinhosamente apelidada Zefa pelos próximos) chamava de seus remédios caseiros.

Desde pequena Eva observava tudo na feira, era tudo muito colorido e com muitos cheiros, sentia de longe o cheiro de tucupi, frutas e verduras. Ela recordava, por vezes, que quando era pequena, ali parecia um espaço tão grande. Não cansava de perguntar sobre cada produto pendurado em cima das bancas de venda. Lá pela Feira Municipal, sempre andava muita gente comprando e todos pareciam com pressa, muitos viajariam em breve, para Macapá ou para “o outro lado”, como ela sempre ouviu falar.



Eva se interessava pelo passeio e conversas que sua avó travava durante o percurso, ocorria sempre uma parada para comprar cascas de árvores e óleos, produtos que Dona Josefa usava para os seus remédios caseiros.

Nesses passeios Zefa sempre colocava a conversa em dia com alguma vizinha, alguma amiga e sempre sabia notícias de quem estava partindo ou chegando. Eva acompanhava atenta tudo e admirava sua avó, sabia que ela era muito conhecida na cidade e também muito procurada. Arriscava até a dizer que sua avó era famosa. Todo mundo sabia quem ela era. Até na escola falavam: “Ah você é neta da Zefa!”.

Zefa era uma mulher sorridente, cabelos brancos, pele negra, andava rápido e tinha muita, muita sabedoria. Ela gostava de conversar, dizia que sua missão era ajudar as pessoas e gostava também de contar sobre sua vida. Desde quando era pequena, ribeirinha, junto com sua família, gostava também de contar coisas que aconteciam quando morava no interior. Dizia que quando era criança gostava de pescar, mas tinha medo de apanhar açaí, ficando a cargo a tarefa para sua irmã mais nova, que gostava desses “serviços de mato”, como dizia.

Zefa veio do Arquipélago do Marajó, de um lugar chamado Mexiana, no Pará, no município de Chaves. Morou primeiro em Macapá, antes de ir para Oiapoque, com o avô de Eva, para tentar vida melhor como tantos e tantos outros. Era uma antiga moradora, por isso viu a cidade crescer, como sempre falava.

Eva, na convivência com sua avó, considerava que algo era fascinante em seu dia a dia, pois ajudava a todos com um dom que dizia ser um presente de Deus e que, por esse motivo, deveria ser doado todos os dias.

Dona Zefa sabia usar as plantas para fazer remédios caseiros e aconselhar as pessoas a se curar de algum mal e sempre dizia que o remédio da farmácia também era importante. Havia doenças que só ele poderia curar e um jeito de tratar que só o médico sabia fazer.

Zefa gostava muito de conversar com os médicos e enfermeiros do hospital da cidade, justamente para aprender, mas muitas vezes também para ensinar.

Em casa, Eva sempre escutou que os antigos de sua família sabiam muito sobre a vida, a natureza, outras pessoas, doenças e remédios... Eles sabiam até o que uma pessoa podia comer ou não em determinado momento da vida. Sabiam também quando um doente não podia ficar fora de casa pegando sereno, entrar na mata ou uma tarefa que não podiam fazer. Os parentes aprenderam isso tudo com seus outros parentes de muitos outros lugares e culturas.

Eva, quando ia à feira, lembrava o que lhe contavam sobre o que suas tataravós sabiam fazer, e aí, uma pergunta levava a outra. Em pouco tempo, Eva estava pensando em como essas pessoas aprenderam tudo isso. Não aprenderam com os livros, aprendiam por ouvir dizer, como fez sua avó, as parteiras e as benzedadeiras.

A jovem morava em Oiapoque, estudava em uma das escolas que ofertava o Ensino Básico na cidade. Ela já cursava, com muito orgulho, o primeiro ano do ensino médio e sempre refletia que o tempo corria tão rápido. Eva pensava que um dia desses estava no ensino fundamental e brincando de bola na rua com alguns colegas que já nem moravam mais perto de sua casa.



Ajovem gostava de morar em Oiapoque, gostava também de passear em Macapá, mas repetia para todo mundo que o “ruim mesmo era a estrada”. Quando estava sol era muita poeira, às vezes, pedra na pista de alguma obra em andamento, mas a chuva... A chuva era o que mais deixava os viajantes preocupados. Existiam atoleiros no trecho que ainda precisa ser asfaltado, o que podia atrasar a viagem em muitas horas. Mas quando chegava em Oiapoque era só felicidade, para Eva, ali era sua casa.

Os moradores de Oiapoque falavam que aconteceram coisas ruins no passado da cidade, foi um lugar muito disputado, mas também coisas boas, como em qualquer outra. Os de fora perguntavam para Eva se era muito ruim para chegar e se lá tinha onde passear. Perguntavam sobre como se fazia para atravessar para o “outro lado” e se ela já tinha ido à cidade de São Jorge.

Às vezes, Eva se divertia com as perguntas e se empolgava ao responder e relatar o movimento da cidade. A curiosidade que todo mundo tinha sobre a cidade francesa vizinha de Oiapoque chegava a ser engraçada. Todo mundo em Macapá perguntava e ela respondia: “Ah é sim. Uma cidade diferente e quietinha. Lá as casas tem jeito e cor diferentes e tudo parece mais calminho...”. E ia descrevendo, às vezes, com muita criatividade, comparando com seu percurso para a escola.

Eva também gostava da casa de Zefa, que era grande, de madeira pintada de azul e bem movimentada. Na sala em que se benzia tinha santos de todas as cores e tamanhos, enfeitados com fitas coloridas novas e antigas, ramos de plantas, recipientes coloridos, velas e muitos outros elementos que Eva sempre gostou de olhar. Ela somente tinha que sair na hora em que a avó estava ocupada.

Quando benzia, Dona Zefa, com um raminho nas mãos, fazia na cabeça da criança um movimento delicado, uma oração, um sinalzinho na testa. Às vezes se colocava uma fitinha vermelha no pulso do bebê para trazer proteção. Zefa sempre dizia que uma criança é muito delicada, por isso é preciso ter cuidado com mau-olhado que pode afetar a saúde do bebê.

Eva não entendia muito bem daquele universo todo. Um dia ela estava com uma coceira no corpo, a avó pegou um galho de planta, dizia uma oração e passava aquele galho, batendo bem de levinho, toda tarde, dizendo que era preciso ter fé. Eva não sabia o que acontecia, mas é certo que aquilo, naquele momento, a acalmou.



A avó também fazia muitas garrafadas. Dentro daquelas garrafas parecia ter apenas uma mistura de folhas, mas sua avó dizia que cada coisa que estava ali tinha uma função e tinha um ingrediente muito importante, que não dava para ver, mas também estava lá dentro: a fé que aquela mistura iria fazer bem. Eva, nessas horas, não perdia a oportunidade:

— Vó, para que serve isso?

— É um remédio para a mulher tomar.

— Ei, vó, um dia será que dá para eu aprender mais sobre tudo isso que a senhora sabe?

— Dá, sim. Eu também posso ensinar uns segredos. Mas os remédios caseiros também podem fazer mal, dependendo da pessoa e de como ela tá. Mas isso, se for preciso, tu vais aprender mais para a frente... Remédio sempre é coisa muito séria... É que nem o remédio de farmácia, o médico tem que ver direitinho se pode tomar.

— E como a senhora aprendeu?

—Tenho o dom, mas também é de família. Sua bisavó fazia, era parteira, também benzia e me ensinou muitas coisas: como usar algumas plantas, orações,

o que pode e o que não pode fazer, cuidados que devemos tomar com a gente e com quem procura nossa ajuda. Tem pessoas que não podem tomar remédios caseiros e pessoas que não acreditam, aí não adianta, pois o que vale é a fé.

— Ah, sim... É muita coisa né, vó?

— É, sim, filha... É muita coisa.

E assim se passavam muitas tardes de conversa e aprendizado. Eva percebia que sua avó algumas vezes não entrava em detalhes sobre os remédios que ela chamava de remédios de plantas. Mas sabia que a avó ajudava as pessoas, se não fosse assim, porque gente de tão longe viria procurá-la?

Muitas vezes, Zefa também aconselhava:

— É melhor ir no médico.

E assim o conselho era seguido.



Dona Zefa também “puxava” as pessoas. Puxar, para Eva, era algo misterioso e demorado, algo que na sua imaginação ocorria assim: a doença estava ali escondida em algum lugar do corpo, aí as mãos de Zefa liberavam uma magia que se unia com rezas em contato com óleos de muitos odores e cores, as mãos eram dirigidas até aquela parte afetada do corpo e depois parecia que tudo tinha sido resolvido.

Muitas vezes as pessoas iam para suas casas e não voltavam mais depois de puxadas. Outras vezes retornavam para avisar que já estava tudo bem. Ou mesmo davam notícias na rua mesmo, quando encontravam dona Zefa.

No seu bairro, mais duas pessoas benziavam e puxavam. Eva sabia que nas redondezas havia mais pessoas. Era só perguntar para sua avó que ela conhecia todas as outras mulheres e, se não conhecia uma pelo nome, podia perguntar a uma amiga. A menina então via que era um costume presente na cidade e refletia que as pessoas procuravam o médico, mas muitas vezes, também procuravam quem sabia curar de um jeito diferente e que era reconhecido por isso.

Na escola não se falava sobre o assunto. Nas aulas nunca se falava das pessoas que eram benzedadeiras e puxadoras ou faziam remédios de plantas. Eva um dia se questionou: “Se é um tipo de saber e muita gente sabe e procura, por que então na escola que também tem um outro tipo de saber muito importante a gente não fala nada?”.

No intervalo na escola era assim: todos lanchavam e ainda dava tempo para fazer uma pequena roda de conversa entre colegas. Uns contavam as novidades, por exemplo, sempre tinha alguém que estava indo ou voltando de Macapá, também coisas que aconteciam na sala de aula ou ainda as novidades de casa, outros assuntos.





Um dia, na hora do intervalo Eva perguntou para os colegas:

— Pessoal, perto da casa de vocês tem mulheres que benzem, puxam, fazem remédios caseiros?

— Tem, sim. Responderam.

— Tem a tia Rita. Eu não sei se ela só benze, não... bem... A mamãe disse que ela também fazia parto. Falou Pedro apressado.

— Parto? Você já viu? Falou José, bem curioso.

Pedro apressado respondeu:

— Não, não pode ver assim, não! A mamãe que me contou muitas coisas.

Um dia também fiquei curioso depois de ver uma reportagem na TV falando da Mãe Luzia e de quanto ela foi uma parteira importante. Agora tia Rita não faz mais parto, por causa da idade, mas ... Tipo assim... Ela acompanha a grávida, faz isso até depois de nascer o bebê. Antigamente não existia o hospital aqui, não — minha mãe falou — aí não tinha como fazer o parto com médico. Muitas mulheres sabiam fazer e também sabiam ajeitar a posição do bebê; sabiam fazer muitas coisas e sabem até hoje, parteira existe até hoje, não é só coisa do passado, não.



Maria, em seguida, disse:

— Verdade. Ainda tem muitas parteiras, tem muitas aqui mesmo em Oiapoque e me disseram que em muitos lugares do Amapá. Sempre eu viajo para Calçoene, na casa da minha tia, pra lá tem também.

Bastou para Eva se empolgar:

— Como será que aprenderam a fazer parto? Minha avó não fazia e não faz parto, disse que recebeu um dom para fazer apenas os remédios e benzer, aconselhar, puxar; ela aprendeu muita coisa com minha bisavó, essa sim, era parteira.

José, que estava quietinho, ouvindo os colegas, falou:

— Eu acho que é mesmo assim que aprenderam, com outras pessoas, no dia a dia mesmo. Já ouvi uma dizer que também vem de Deus, mas também tem coisas que a gente aprende com o outro, vendo e escutando também, né? Como entre a gente, com pessoas mais velhas. Acho que elas ficam trocando sobre como usar as plantas, o que é bom para tal coisa e ruim para outra coisa.

Eva logo interrompeu:

— O que eu acho interessante é isso, como explicar que as pessoas sabiam se curar no tempo que não tinha livro e nem medicina? Teve um tempo que só existiam quem curava assim, eram os curandeiros. Eu vi na internet sobre isso e fiquei pensando lá em casa.

Maria lançou uma pergunta que gerou um silêncio repentino:

— Me diz uma coisa, o que é curandeira, será que é parteira também?

Eva logo se adiantou:

— Eu acho que a palavra curandeira vem de cura, depois é que ganhou uma ideia assim de coisa ruim, mas se for pensar em cura de algum mal que a gente tem, é coisa boa sim... Eu acho que a mulher que faz parto também faz cura, pois cuida da mulher gestante de muitas formas: diz o que pode comer, vê como tá o bebê, diz para ir no médico fazer acompanhamento sempre quando precisa, que nem minha bisavó fazia. Minha avó fala que a mulher grávida tem que ser acompanhada antes, durante e depois de ter neném. A minha avó não é parteira, mas dá conselho para mulher gestante.

— Ah...sim, sim, mas eu pensei mesmo em quem faz remédio, as garrafadas. A gente chama garrafada! Mas eu busquei um dia na internet para ver o que diziam e apareceu outras coisas, menos o que a gente chama aqui.

Todo mundo riu.

Pedro retomou a pergunta um tanto difícil para todos:

— É... curandeiro acho que é quem faz remédios caseiros, acho que as parteiras às vezes sabem fazer. Mas, olha estava lembrando aqui, nas aulas de História, uma vez uma professora, lá da outra escola, falou que o curandeiro podia até ser perseguido pela polícia. Ninguém queria ser chamado de curandeiro, não, pois aí as autoridades iam atrás e podiam até prender a pessoa.

Aquela informação deixou Eva intrigada. Ela resolveu perguntar para

a avó, que lhe contou uma história mais instigante ainda. Aconteceu no tempo que morava lá no interior. A avó contou sobre um caso que deixou todo mundo surpreso e no outro dia Eva contou:

— Gente! A vovó me contou um caso, desses que Pedro falou, de quem fazia remédios caseiros. Lá onde ela morava um senhor fazia remédios caseiros. Ele morava só, era muito conhecido na cidade, andava por toda a parte e era chamado por todos em caso de necessidade. Ele era como se fosse um vizinho de todo mundo.

Todos riram e se olharam nessa hora:

— Como assim? Vizinho de todo mundo?

Eva logo respondeu:

— É... Tipo assim, ele era amigo de todo mundo, ouvia sobre quem estava doente, ensinava a fazer remédios com plantas. Ele receitava e aconselhava as pessoas; aí teve uma denúncia porque uma pessoa passou mal depois de tomar uma garrafada que ele fez... (Um silêncio novamente se fez, um clima de suspense ficou no ar.).

Eva baixou o tom de voz se curvou mais ainda e disse, imitando a fala do curandeiro:

— Olha, toma todo dia, de manhã e de noite, um pouquinho assim. E indicava uma pequena porção usando o dedo indicador e o polegar.

Diante do silêncio e dos olhares que diziam “O que foi que aconteceu?”, Eva prosseguiu:



— Bem, eu perguntei mais coisas para minha avó, como foi que terminou essa confusão. O senhor foi perseguido, teve que responder para as autoridades o que fazia direitinho, muita gente foi chamada para falar também, até a decisão final se iam liberar ele ou não. Minha avó lembra bem de toda a fofoca na cidade, todo mundo comentando sabe? Uns até acusaram o senhor, mas outros o defenderam, dizendo para as autoridades que ele estava só tentando ajudar, com o que tinha aprendido com a família dele.

— E aí, afinal, o que aconteceu com ele? Pedro perguntou apreensivo.

— A conclusão foi essa mesma, que ele estava apenas ajudando quem precisava, na falta do hospital lá onde minha avó morava. Aí o senhor depois voltou para sua casa, muita gente comentou, depois ele foi embora e ninguém mais sabe o que ocorreu com ele.

— Mas sempre acontecia isso? Perguntou José.



— Vai ver muitas vezes. Acho que as pessoas denunciavam para as autoridades.

A vovó ontem me falou que às vezes as religiões como Umbanda, Candomblé, também eram perseguidas, às vezes a mesma pessoa que praticava era curandeiro, parteiro, benzedeiro, mas havia também quem era de outras religiões.

Maria logo falou:

— Deveria acontecer em muitas partes do país esse tipo de denúncia. Eu fico imaginando o povo todo comentando, das idas e vindas das pessoas para dar explicações e de toda a fofoca na cidade, que nem às vezes, a gente vê por aqui.

José continuou:

— Deveria ser tenso, mas também acho que o povo se questionava: será que era perigoso mesmo? Porém muitas pessoas achavam que não. Elas continuavam se tratando do jeito que aprenderam com seus parentes. Mas sobre as parteiras não escutei nada de proibição, mas acho que sofreram e sofrem preconceito, assim como os que curam de forma diferente do receitado no hospital.



Eva ficou pensativa:

— Eu acho que tem sim preconceito, mas afinal, não deveria ter, pois como a mamãe fala comigo, todas as formas de saberes são importantes, como as da vovó.

Em casa tratou de perguntar para sua mãe:

— Mãe, a vovó já foi perseguida por curar as pessoas?

A mãe respondeu prontamente que não, mas deu mais detalhes que sanariam a curiosidade de Eva, temporariamente...

— Bem, ela nunca foi perseguida, mas acontece que lá atrás, muito atrás no tempo, mulheres foram perseguidas por saberem fazer remédios com coisas da natureza. Sabiam segredos que ninguém sabia. Mas para populações da Amazônia esses saberes sobre a natureza são importantes; parteiras, curandeiras sempre ajudaram e eram procuradas pela comunidade, até hoje, pois ajudam com seus aconselhamentos e ensinamentos.

Imediatamente, Eva lembrou que a medicina que conhecemos, hoje, a dos hospitais, é recente para a história da humanidade se considerarmos o longo contato que as populações possuem com a natureza para buscarem a cura de seus males.



Concluiu que a forma de se curar doenças estava também em tempos bem antigos, quando não existia indústria para fazer remédios, ou médicos e profissionais da área de saúde que conhecemos hoje, ou hospitais, mas se conhecia os segredos da natureza para formas de curar e muito tempo depois, mesmo com a fabricação dos remédios da farmácia, os remédios caseiros continuavam tendo importância.

O uso de tais remédios, estava também em muitas formas de praticar a religiosidade em cultos afro-brasileiros, na pajelança, nas aldeias, em terreiros, dentro de cada casa e diante de altares pela Amazônia e Brasil a fora. São muitas as formas de curar com origens perdidas no tempo, desde o aconselhamento até a proteção contra o quebranto e mau-olhado em crianças, o partejar, o puxar, fazer chá, garrafadas e muitas formas de cuidar.

Então Eva foi puxando pela memória tudo que tinha ouvido, e, por vezes, se via dizendo nas conversas com os colegas: “vovó me disse que isso também cura!”, se referindo a alguma planta que encontrava por onde andava. Eram muitos os nomes populares: pariri, pirarucu, hortelãzinho, verônica, barbatimão, era fácil reconhecer as folhas e os nomes.

Eva, numa espécie de um fio da memória que se emendava com

outro e assim ia rememorando o que escutou de sua avó, de sua mãe, da vizinha de sua avó, tias, coisas que viu na TV, na internet em filmes, misturou tudo e pensou que as mulheres antigamente já sabiam cuidar do corpo com folhas, raízes, orações. Um corpo que depois foi estudado pela medicina e por quem passava pela escola.

Lembrou também que em uma das aulas a professora falou que apenas os homens poderiam estudar na escola, no formato parecido com o de hoje. Assim surgiram as escolas de medicina. Não tardou para esse conhecimento dos homens passar a ser considerado o único correto e cada vez mais as instituições se ocuparem em inferiorizar os saberes antigos, mas que resistiram e estão nas ruas entre tantas pessoas.

Era sempre assim na imaginação de Eva. Uma coisa levava à outra e tudo se encaixava no final, como um grande quebra-cabeça. Era preciso entender como as pessoas vivem, desde criança, com o ensinamento dos parentes de outros, mas também através de um dom considerado divino, uma missão.

Desde quando se entendia por gente, Eva sabia da existência de pessoas que faziam remédios da natureza, mas nunca tinha pensado em tanta proibição para esse uso, no decorrer da história e ainda hoje, já que era a única forma das pessoas se cuidarem em lugares tão longe de um hospital.

Eva gostava de imaginar sobre a forma de viver das pessoas; lembrou de sua vizinha parteira, que dizia sobre as vezes que era chamada ao hospital para dar assistência a uma parturiente junto da equipe médica. Imaginou que na escola se podia falar mais sobre isso, é certo que esse assunto seria novo, até para conversar na escola. Eva pensava: será que só daria para falar na disciplina História sobre as influências das culturas indígenas e africanas? Pois ela sabia que estes nossos ancestrais ensinaram muito sobre as coisas da natureza. Certamente as pessoas de Oiapoque aprenderam muito com os diversos povos que transitavam pela

cidade. Enfim, muitas e muitas interrogações e hipóteses se passavam na cabeça da jovem.

— A gente bem que podia pedir para professora para apresentar, na feira cultural, algo sobre as mulheres que sabem curar. A gente podia trazer alguém para falar sobre isso na escola! Posso até falar com a minha avó! Imediatamente responderam os colegas:

— Excelente ideia Eva! Logo a professora vai escolher os temas e a gente coloca essa ideia para ela!

— Beleza!

Uma outra amiga também ficou de trazer mais informações sobre as parteiras. Dessa forma iam conhecendo mais e mais sobre o assunto e se fosse aprovada a ideia para a feira cultural, dava para mostrar para outros colegas tudo o que tinham descoberto. E assim foi feito. Nas vésperas da feira cultural, foi apresentada para a turma a proposta do stand que apresentava outras formas de curar que as mulheres de Oiapoque sabiam fazer e muito além, foi apresentado pelo grupo sobre como essas formas de curar atravessaram e resistiram ao tempo com mulheres de muitos lugares.



Eva convidou Dona Josefa para conversar com os visitantes sobre como aprendeu a benzer, puxar e fazer receitas com elementos da natureza, nos banhos, nos chás, enfim... Ela pode, então, falar o que sabia fazer há muito tempo.

Ao ser convidada, dona Zefa disse logo que não podia e não ia ensinar remédios, não, e que no hospital tinha um saber diferente, mas importante. Depois os alunos a tranquilizaram dizendo que era para contar como aprendeu a usar a natureza para cuidar de quem lhe pedia ajuda e para dizer o que conhecia de certas plantas, que tinha aprendido desde criança.

No dia da apresentação, cedo Eva estava de pé, ansiosa para arrumar as plantinhas que estavam no vaso e preparar tudo para a roda de conversa com a sua avó, que seria logo no início.

Eva ficou muito feliz de ver que enfim um saber diferente entrava na escola que tanto gostava e que ela aprendia ao ver sua avó dividir o que aprendeu com todos que se interessavam.

Os alunos participaram muito, Eva até se surpreendeu com muitas perguntas para a sua avó e muitos colegas disseram que sua família conhecia alguém que sabia cuidar e ajudar as pessoas através da natureza. Muitas formas de curar foram relatadas: sobre o parto, benzer, fazer aconselhamentos, assim como puxar, fazer chá, além dos cuidados para com a grávida e o bebê.

Os alunos acabaram relatando também o que já tinham presenciado e foi uma oportunidade até para se conhecerem melhor. Todos disseram que, de algum modo, sua família se utilizou desses saberes em um momento de necessidade.

Dona Zefa mostrou algumas plantas que trouxe de casa em vasilhinhos e alguns óleos. Disse que era a primeira vez que tinha sido convidada para falar em uma escola e estava muito feliz. Falou que a lição mais importante é que cada um era necessário no que sabia fazer e cada saber era importante para todos. O que sabia trazia a presença de sua mãe e sua avó e ainda a lembrança de muitos momentos de sua vida, quando ainda nem morava em Oiapoque.

Eva se sentiu orgulhosa e realizada, acreditava que conversar sobre isso não deveria se dar apenas na feira cultural, pois havia muito o que pensar e responder sobre o assunto.

Aquele dia, no refeitório da escola foi inesquecível.

Um dia, mesmo que seu grupo da escola se separe, cada um cuidando de sua vida lá longe, às vezes em outro estado, país ou cidade, depois de partir, como acontecia muito em Oiapoque, aquelas lições seriam sempre lembradas.

Na memória de Eva, além da rotina que sempre vivia, as cores da feira, o brilho do rio Oiapoque, as conversas com sua avó, o barulho do motor das catraias, e, por fim, o aprendizado sobre aquelas mulheres que curam e tudo o que ensinavam iriam acompanhá-la pela vida afora.



VOCABULÁRIO

Atoleiros: expressão que tem o sentido de poças grandes que se formam em estrada não asfaltadas, de modo que atoleiros se tornam comuns na estrada que leva à Oiapoque, em períodos chuvosos.

Banhos: imersão de partes do corpo em líquido preparado especialmente para determinado fim. Geralmente, os banhos apresentados são colocados sobre a cabeça ou tomados do pescoço para baixo.

Candomblé: Religião afro-brasileira que possui elementos das religiões africanas tradicionais com influências do catolicismo e do espiritismo. Traz o culto aos Orixás, que representam forças da natureza e possuem também características do humano. Orixás são as divindades do Candomblé. Exemplo, Ossaim, Orixá das ervas e medicamentos feitos de ervas.

Catraias: Embarcações pequenas, tripulada por uma só pessoa. Particularmente as que fazem percurso entre Oiapoque e a cidade gêmea da fronteira franco-brasileira Saint George de l'Oyapock (São Jorge de Oiapoque), quase sempre são cobertas, carregam pessoas e mercadorias pelo Rio Oiapoque.



Garrafadas: As garrafadas são resultado da soma de elementos materiais e imateriais colocados em uma garrafa para determinado uso terapêutico. São compostas por plantas, raízes, caules, gordura de animais, água, vinho ou álcool. São potencializadas pela fé de quem faz e quem toma.

"Outro lado": Expressão que, para os moradores de Oiapoque, se refere à Guiana Francesa, a partir do Coletivo Territorial Frances São Jorge/Saint-Georges-de-l'Oyapock.

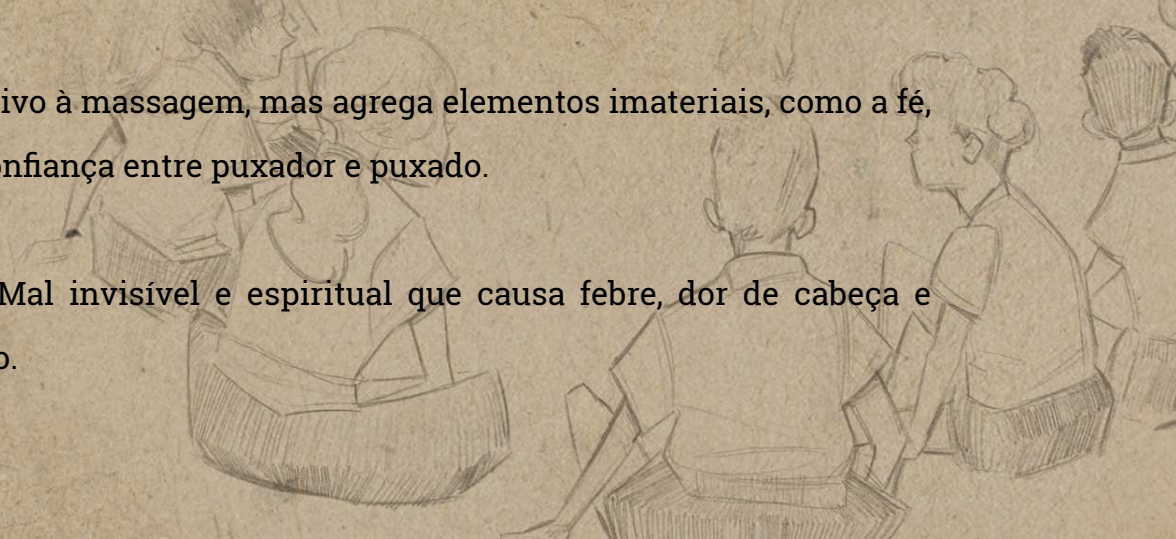
"Interior": no Amapá a expressão tem conotação de área distante do perímetro urbano das cidades.

Mãe Luzia: Parteira e curandeira amapaense de renome, viveu provavelmente entre 1854 a 1957, era lavadeira e engomadeira, também exerceu função de colaboradora da justiça para resolução de crimes sexuais contra mulheres. É reconhecida como importante personagem histórico local.

Oiapoqueense: Morador/moradora de Oiapoque.

Puxar: Relativo à massagem, mas agrega elementos imateriais, como a fé, orações e confiança entre puxador e puxado.

Quebranto: Mal invisível e espiritual que causa febre, dor de cabeça e indisposição.





Sereno: Orvalho que se forma ao escurecer e que é compreendido como perigoso para determinadas doenças.

Tucupi: Bebida indígena que tem como base a mandioca, utilizado em diversos pratos da culinária amapaense.

Umbanda: Religião afro-brasileira que condensa elementos oriundos do catolicismo cristão, espiritismo, narrativas e divindades de matriz africana e elementos indígenas.

Zouk love: Música caribenha, repleta de expressões com influência francesa e africana. No texto se refere ao ritmo e estilo musical muito apreciado no Amapá e que aborda temas românticos.

Mau-olhado: Crença de que alguém pode lançar energias negativas por meio de um olhar maldoso e consequentemente atrair males físicos e não físicos para outra pessoa.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA

